

À meu dedicado Am. talentoso poeta, o jovem Francisco Xavier, talento de escol, que muito ajuda promete, podendo enriquecer a nossa literatura; atendendo ao seu generoso appello, aqui deixo esta modesta chronica, ajuda imediata:

Pous Poetas do meu tempo

Entre o grande grupo de moços intelectuais que conheci, quando amishava imaginacão ardente ensaiava os seus primeiros vôos sob as arcadas do templo da arte, dous fixaram mais firmemente na minha alma de artista, e no meu coração de amigo, o trago luminoso de sua lira branca: Clássico de Oliveira e Edgard d'Albuquerque.

Nenhuma influencia exerceu em meu espírito em formação, principalmente porque fui sempre meu rebelde, sob o ponto de vista de arte, e, se a alguém devo o ter aprendido a palmeilar com casagem e riuoso caminho da Perfeição, esse alguém é o Bosego Sereníssimo de Campos Rocha, grande mestre e grande amigo, de quem a eterna ausência não me separa um dia só que seja.

Edgard e Clássico se desfazem-se

farem, tanto um, como outro, pela
brancura de suas almas e pela grandeza
da arte, de que se fizeram apóstolos
fervorosos. A escola que ambos pro-
fessaram nascera em França, pos-
ticipada por Chateaubriand, Baudelaire,
Verlaine; em Portugal, por Eugenio de
Castro e Antônio Chôbre; no Brasil,
por Cruz e Souza e Alfonso.

Tinha para a minha inteligencia
futil, de quase creuza, qualquer
causa de sombrio, porque eu era um
fanatico do passadissimo. De
Bilac, esse passadissimo que vive
agora com todo fulgor, na lyra de
Ceu de Deus, Carlos.

Entretanto, o meu entusiasmo pe-
los versos dos dois poetas, fazia-me
esquecer tudo, para passar mas avi-
lhado, ao ler os admiraveis alexan-
drinos de Edgard, poeta mais perfeito,
claro, que Chateaubriand. O proprio au-
tor do "Cavador de Esmeraldas"
ouviu-me dizer algunes das ver-
soc do "Septenário da Dó" de Ed-
gard, tive para elles os mais succe-
sos elogios e pediu-me que repe-
tisse um das quartetos, como
a querer reter na memoria os
versos de impetuoso sonoridade.
Bem-ante eu disse:

"Se sete annos assim passaram
lentamente

Síptenário da sombra e da desillusão...
Mas onde o teu perfil amargurado e
Tinha a tristeza a doente,
Tinha a tristeza ritual dum tresplo
de chris tág.,
auri da grande Bela que o seixo
fidal era um dos mais assusti-
camente bellos que havia es-
tudado. É que Edgard possuía
todas as qualidades de um poeta
de escol. Seria um dos mais as-
tareis se nãoisse deixaasse viver
pelo grande amor de sua vida, o ro-
mance infeliz que o levou ao tu-
mulo, pouco tempo antes da obri-
ga que foi o seu velho. Nunca
lhe passou pela ideia sufocar
n'um volume os versos que fi-
cariam perdidos, no esquecimento
das publicações periódicas,
alguns d'elles apenas conservados
de cor, miraculosamente, por
alguns de seus parentes e das
seus amigas. O mesmo fio-
tiveram os de classe de
Oliveira. Não porque este ulti-
mo se desejasse, como Ed-
gard, dos versos que coxa-
mba; ao contrário, tinha um
grande cuidado com as suas
produções, e, até em estoque.
Pois meados de 1905) sei o destino
que o moço poeta lhes dava;

mas por outras razões que desconheço.
Chamado era de uma fecundidade admirável, elaboravam os visinhos em Belo Horizonte, e raro era o dia em que não trazia um soneto para me ler. Os seus versos se destinavam a um leitor a quem elle intitulou "Possa Graça", (seus) e mo qual, a ultima vez que o vi, se achava todo um precioso esboço de todas fofas literárias, algumas delas, tanto bem publicadas em revistas e jornais do tempo. Não creio que alguém se tenha interessado pela sorte das versos de que falo, depois da morte d'aquele criatura, de originalidade estranha, ora alegre, ora triste, que nos dava a impressão de possuir a alma angelical de um santo.

E' quasi certo terem ido parar a mãos profanas e a estas horas devem estar perdidos para sempre. Oxala' que eu me engane. Ainda as mereciam bem um pouco mais de carinho das almas amigas, elles que foram, provavelmente que tudo, bons. De minha parte temho esperança de poder tratar um dia, com mais amor, da personalidade e da obra desses doces saudados amigos, quando a vida

me造成我的痛苦，我不能
停止我所要写的东西。

Pedro Leopoldo, 15-Dez-929.
Constantino Flordelis

Ao meu dedicado amigo e talentoso poeta, o jovem Francisco Xavier, talento de escol, que muito ainda promete, podendo enriquecer a nossa literatura, atendendo ao seu generoso apelo deixo aqui esta modesta crônica, ainda inédita:

DOIS POETAS DO MEU TEMPO

Dentre o grande grupo de moços intelectuais que conheci, quando a minha imaginação ardente ensaiava os seus primeiros voos, sob as arcadas do templo da arte, dois fixaram mais profundamente na minh'alma de artista, e no meu coração de amigo, o traço luminoso de sua lembrança: Mamede de Oliveira e Edgar Matta.

Nenhuma influência exerceiram em meu espírito em formação, principalmente porque fui sempre um rebelde, sob o ponto de vista de arte, e se a alguém devo o ter aprendido a palmilhar com coragem o sinuoso caminho da perfeição, esse alguém é o Cônego Severiano de Campos Rocha, grande mestre e grande amigo, de quem a eterna ausência não me separa um dia só que seja.

Edgar e Mamede seduziram-me, porém, tanto um, quanto outro, pela brancura de suas almas e pela grandeza da arte de que se fizeram apóstolos fervorosos. A escola que ambos professavam nascera em França, positificada por Malarmé Beaudelaire Verlaine; em Portugal, por Eugénio de Castro e António Nobre; no Brasil, por Cruz e Souza e Alfonsus.

Tinha para a minha inteligência fútil, de quase criança, qualquer coisa de sombrio, porque eu era um fanático do parnasianismo de Bilac, esse parnasianismo que vive agora com todo o fulgor na lira de ouro de Luiz Carlos.

Entretanto, o meu entusiasmo pelos versos dos dois poetas fazia-me esquecer tudo para pasmar maravilhado ao ler as admiráveis alexandrinas de Edgar, poeta mais perfeito, e claro, que Mamede. O próprio cantor de "Caçador de esmeraldas", ouvindo-me dizer alguns dos versos do "Septenário da dor", de Edgar, teve para eles os mais sinceros elogios e pediu-me que repetisse um dos quartetos, como a querer reter na memória os versos de impecável sonoridade.

Quando me disse: “E sete anos assim passaram lentamente, septenário da sombra e da desilusão... Mas onde o teu perfil amargurado e doente, tinha a dulia ritual dum templo de cristão...”, ouvi do grande Bilac que o verso final era um dos mais musicalmente belos que havia conhecido. É que Edgar possuía todas as qualidades de um poeta de escol. Seria um dos mais notáveis se não se deixasse vencer pelo grande amor de sua vida, o romance infeliz que o levou ao túmulo, pouco tempo antes da musa que foi o seu enlevo. Nunca lhe passou pela ideia enfeixar num só volume os versos que ficaram perdidos no esquecimento das publicações periódicas, alguns deles apenas conservados de cor, miraculosamente, por alguns de seus parentes e por seus amigos. O mesmo fim tiveram os de Mamede de Oliveira. Não porque este último se descuidasse, como Edgar, dos versos que compunha; ao contrário, tinha um grande cuidado com as suas produções e até um certo tempo, (meados de 1905), sei o destino que o moço poeta lhes dava; mas por outras razões que desconheço Mamede era de uma fecundidade admirável. Morávamos vizinhos em Belo Horizonte, e raro era o dia em que não trazia um soneto para eu ler. Os seus versos se destinavam a um livro, a que ele intitulou “Passa Graça”, e no qual, a última vez que o vi, se achava todo um precioso escrínio de lindas joias literárias, algumas delas também publicadas em revistas e jornais do tempo. Não creio que alguém se tenha interessado pela sorte dos versos de que falo, depois da morte daquela criatura de originalidade estranha, ora alegre, ora triste, que nos dava a impressão de possuir a alma angélica de um santo.

É quase certo terem ido parar em mãos profanas e a estas horas devem estar perdidas para sempre. Oxalá que eu me engane! Ambos mereciam bem um pouco mais de carinho das almas amigas, eles que foram, primeiro que tudo, bons. De minha parte, tenho esperança de poder tratar um dia, com mais amor, da personalidade e da obra desses dois saudosos amigos, quando a vida me correr menos atribulada, num livro que hei de escrever.

Pedro Leopoldo, 15-março-929.
Antenor Horta